

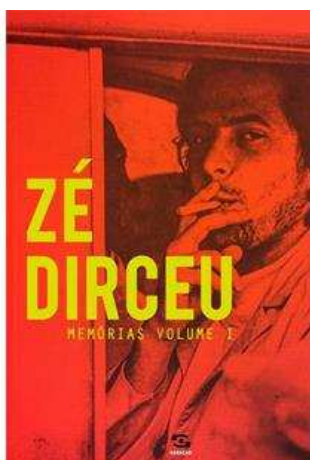
RESENHA:

DIRCEU, José. ZÉ DIRCEU MEMÓRIAS VOLUME 1. São Paulo: Geração Editorial, 2018. 496 p.

As memórias de José Dirceu, o Maquiavel petista

The Memoirs of José Dirceu, the Machiavelli

DANIEL DE SOUZA LEMOS*



No mês de agosto de 2018, José Dirceu de Oliveira e Silva, a segunda liderança mais conhecida do Partido dos Trabalhadores lançou o primeiro volume da sua autobiografia: Zé Dirceu Memórias Volume I. Ao longo de 35 capítulos e dois anexos, o ex-exilado discorre sobre aquilo que considera os principais fatos de sua vida, carreira política e da história do Brasil pós-Era Vargas. No dia 21 de novembro de 2018 esteve em Porto Alegre para lançar o livro, que foi prestigiado por mais de 200 militantes de esquerda.

Uma biografia tem sua qualidade medida, conforme a narrativa do texto serve para a compreensão do contexto histórico em que a personagem estava inserida. Nesse sentido as Memórias de Zé Dirceu confundem-se com a história do Brasil, desde a primeira democratização do país,

com o governo Dutra – Dirceu nasceu em 16 de março de 1946 – e segue até seu afastamento precoce do primeiro mandato do Presidente Lula.

Muitos fatos, contudo, da trajetória de Dirceu já eram conhecidos. Além de ter concorrido a inúmeros cargos eletivos, e já ter dado publicidade a vários aspectos de sua vida, também já havia publicado outro livro biográfico, em parceria com Vladimir Palmeira denominado “Abaixo a Ditadura: o movimento de 68 contado por seus líderes” publicado pela editora Garamond, em 1998.

Formação política: o Movimento Estudantil, a UNE e o Exílio em Cuba

Nos primeiros 12 capítulos Dirceu escreve sobre seu nascimento, na cidade mineira de Passa Quatro, até a promulgação da Lei da Anistia, em 1979, quando pode voltar ao Brasil. Nessa parte inicial do livro, é descrita a sua formação política inicial. Que se deu trabalhando no escritório político do deputado estadual Avallone Junior, do Partido Democrata Cristão, reeleito em 1962, e no movimento estudantil. Em 1965 ingressou no curso de Direito da PUC-SP, onde ficou até 1968, quando foi preso no 30º Congresso da UNE, em Ibiúna, que marcou o fim do movimento estudantil no Brasil pós-1964.

Nessa fase, José Dirceu ingressou e saiu do PCB.

Para mim, a decisão de entrar para o PCB foi natural. Todos os meus amigos, mais do que companheiros de movimento estudantil, eram filiados ao Partidão, como carinhosamente era chamada por nós, os mais jovens. Foi na rua Maria Antônia, que tanto marcaria minha vida, no Grêmio da Faculdade de Filosofia da USP, que fui recrutado por Zé Arantes, José Augusto de Azevedo Marques, André Gouveia e José Luiz Del Roio, já militantes e dirigentes do PCB (p. 38).

Começou sua relação política com personagens que seguiriam presentes no seu futuro: Vladimir Palmeira, Marco Aurélio Garcia, Aloysio Nunes, José Serra, Franklin Martins, Fernando Gabeira, Mário Covas, Orestes Quércia, entre outros. E teve seu desfecho com o seqüestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick, pelo Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8), e pela Aliança Libertadora Nacional (ALN) em 1969, quando Dirceu, trocado pelo representante do governo dos EUA, foi para Cuba exilado. Nessa viagem Dirceu teve vários companheiros, entre eles, o icônico líder comunista Gregório Bezerra e, o jornalista brizolista, Flávio Tavares – que, inclusive, esteve presente no lançamento das Memórias em Porto Alegre, em novembro de 2018.

Essa primeira parte do livro, ainda traz o período que Dirceu permaneceu na Ilha de Fidel Castro, Che Guevara e Camilo Cienfuegos: “*meu coração disparou, tudo o que eu queria era sair daquele lugar e ir para Cuba. Foi a primeira coisa que me veio à mente: vou para Cuba e um dia volto para continuar a luta.*” (p. 94) De 1969 até o final de 1974 aconteceu a preparação para o retorno ao Brasil. Carlos Henrique Gouveia de

Mello seria a nova identidade do ex-líder estudantil, que fixou-se na cidade paranaense de Cruzeiro do Oeste, onde permaneceu atuando como comerciante até 1979, o ano da anistia.

A Anistia, a Fundação do PT e a Redemocratização

Entre os capítulos 13 e 24, Dirceu discorre sobre os anos 1980, com a volta ao Brasil, a fundação e consolidação do Partido dos Trabalhadores e as inúmeras campanhas eleitorais dos anos 1990, com derrotas e vitórias, até a conquista da presidência da República em 2002. Nas palavras de Dirceu “*Em São Paulo, o objetivo era recomeçar do zero, retomando o fio da minha trajetória, rompido no dia 12 de outubro de 1968, em Ibiúna, onde fora preso no 30º Congresso da Une.*” (p. 165)

É nessa nova etapa de sua vida que Zé Dirceu conhece Lula, “e os novos atores que entravam em cena” na vida política brasileira: os sindicalistas que fundariam o PT. Nas palavras de Zé “*Conheci Lula por intermédio de Paulo Vannuchi e Frei Betto (...) ao lado de Lula, despontavam novas e combativas lideranças sindicais, como os bancários Olívio Dutra e Luiz Gushiken, o petroleiro Jacó Bittar, de Campinas, e Wagner Benevides, de Minas e os professores Gumerindo Milhomem e Luiz Dulci.*” (p. 175)

O leitor toma conhecimento de todo o processo da formação de um partido de novo tipo, no sistema partidário brasileiro, produto da conjugação de esforços dos sindicalistas, dos militantes das comunidades de base, ligados à Teologia da Libertação, da Igreja Católica e, dos ex-exilados que estavam de volta ao Brasil. As dificuldades encontradas nas eleições de 1982, 1985, 1986 (Constituinte); 1988 (eleição dos primeiros prefeitos petistas); 1989 (derrota no segundo turno para

Fernando Collor); 1990 (eleição do primeiro senador petista: Eduardo Suplicy), 1992, 1994 (eleição dos primeiros governadores – Jorge Viana, Vitor Buais e Cristovam Buarque), 1996, 1998, 2000 e, finalmente a grande vitória de 2002, quando Lula é eleito presidente. Ainda trata da campanha das Diretas Já, e da posição assumida pelo PT na eleição indireta de Tancredo Neves, quando o partido optou por não legitimar este processo, não comparecendo ao colégio eleitoral.

De acordo com Dirceu “*Com a Constituinte, o PT aprendeu a fazer política no parlamento, a compor, negociar, mas também a resistir. Perder para ganhar na coerência e princípios.*” (p.219) Compuseram a bancada petista na constituinte os seguintes deputados federais: *Benedita da Silva(RJ), Eduardo Jorge(SP), Florestan Fernandes(SP), Gumerindo Milhomem(SP), Irma Passoni(SP), João Paulo Pires de Vasconcelos(MG), José Genoino(SP), Luiz Gushiken(SP), Luiz Inácio Lula da Silva(SP), Olívio Dutra(RS), Paulo Delgado(MG), Paulo Paim(RS), Plínio de Arruda Sampaio(SP), Virgílio Guimarães(MG), Vitor Buaiz(ES) e Vladimir Palmeira(RJ).* (p.218)

Na eleição de 1986, José Dirceu foi eleito deputado estadual em São Paulo, iniciando sua carreira parlamentar, que teve fim com a cassação de seu mandato de deputado federal em 2005. Inclusive o anexo número 2 das suas Memórias é o seu discurso de defesa, pronunciado em 30 de novembro daquele ano, na Câmara dos Deputados, contra uma acusação do então deputado Roberto Jefferson.

Nesta parte do livro Dirceu também trata de temas internos da organização do PT, a questão das tendências políticas, as eleições internas, as prévias eleitorais, as escolhas dos presidentes e das direções

partidárias. E da difícil tarefa de fazer oposição ao governo neoliberal de Fernando Henrique Cardoso, que aborda nos capítulos 21 ‘Lula toma as rédeas do PT’; 22 ‘Tempos Difíceis’; e 23 ‘O PT rejeita o Fora FHC’. Em agosto de 1995, no 10º Encontro Nacional do Partido dos Trabalhadores, José Dirceu assume a presidência do partido, cargo em que permanece até 2003, quando assume a chefia da Casa Civil no governo Lula, quando inicia a terceira parte do seu livro.

A Carta ao Povo Brasileiro, e a chefia da Casa Civil no governo Lula

Do capítulo 25 ao 35º José Dirceu percorre o itinerário da eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, que teve na divulgação da carta ao Povo Brasileiro um sensível ponto de ruptura na evolução do Partido dos Trabalhadores. De acordo com o depoimento de Dirceu, “*Começaram as pressões internas para Lula assumir compromissos públicos que acalmassem os mercados, os investidores, os bancos, os consumidores, os trabalhadores e os empresários... Plantou-se a ideia de uma Carta de Lula, um compromisso escrito com a estabilidade*” (p. 325)

Dirceu coloca na conta de Antônio Palocci, Luiz Gushiken e Aloizio Mercadante a iniciativa, a articulação e a defesa da divulgação do documento de composição da famosa aliança entre Capital e Trabalho, que marcaria toda a era Lula-Dilma no poder. “*Com contatos no setor empresarial e bancário, Palocci e Gushiken sentiam e sofriam mais essa pressão do chamado mercado... Queriam urgência. Eu não. Sabia da resistência do partido e do risco de um tremendo mal-entendido que poderia desanimar a militância*” (p. 325)

A primeira versão da Carta ao Povo Brasileiro seria escrita por Palocci e Mercadante e, corrigida pelo

‘escrevinhador’ oficial de Lula, Luiz Dulci. Este, ainda hoje é um dos mais próximos colaboradores do presidente petista. “*Luiz Dulci, mineiro, professor, filólogo, ativista sindical e integrante da Direção Nacional do PT. Vinha da esquerda marxista e liderara a maior greve da história do movimento sindical mineiro.*” (p. 326)

Nos capítulos 26, 27 e 28 Dirceu discorre sobre ‘a formação do governo Lula’, quem é quem no governo que se iniciava em 2003; A queda-de-braço entre ele e o ministro da Fazenda Antônio Palocci; e as primeiras iniciativas e políticas públicas sociais que seriam a marca dos governos petistas, e fariam a fama do governo ‘do Brasil para o mundo’.

A partir do capítulo 29 ‘É Guerra’, Zé Dirceu discute as crises que o governo Lula enfrenta, muitas das quais ele próprio, o chefe da Casa Civil, como protagonista. Algumas crises de menor intensidade, como foi o caso Waldomiro Diniz, acusado de ter relação com o bicheiro Carlinhos Cachoeira. O racha na disputa pela presidência da Câmara dos Deputados entre os deputados petistas Luiz Eduardo Greenhalgh e Virgílio Guimarães, cuja consequência foi a eleição de Severino Cavalcanti, do PP, para o cargo. Até a grande crise do primeiro mandato de Lula, que foi a acusação de um pagamento periódico de propinas alcunhado de mensalão.

Este episódio rendeu a saída de José Dirceu do cargo de Ministro Chefe da Casa Civil do governo Lula; A cassação do seu mandato de Deputado Federal; a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) como a assinatura de apoio de alguns deputados petistas que a seguir serão nominados, da Ação penal 470 e, por fim a condenação e prisão de José Dirceu, ocasião em que escreveu as suas memórias.

No capítulo 32 ‘O Mensalão’ Dirceu aponta: “*É preciso registrar os nomes dos parlamentares do PT que assinaram o pedido de CPI: Chico Alencar, Doutor Rosinha, Doutora Clair, Gilmar Machado, Ivan Valente, João Alfredo, Maria José Maninha, Mauro Passos, Nazareno Fonteles, Orlando Fantazzinni, Paulo Rubens e Walter Pinheiro. No senado, Eduardo Suplicy foi o único a apoiar a CPI.*” (p.425) A solidariedade que faltou para Dirceu, de parte dos deputados petistas mencionados, ele encontrou em líderes de outros partidos, como Eduardo Campos, do PSB, e Aldo Rebelo, do PCdoB.

Nos últimos capítulos de suas memórias, Dirceu analisa o papel que a grande mídia desempenhou na crítica ao governo Lula em geral, e na sua pessoa em particular. Ação essa que levou o jornalista Paulo Henrique Amorim a criar a expressão PIG: Partido da Imprensa Golpista, para se referir às revistas Veja, Isto É, Época, aos jornais Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, O Globo, entre outros grandes periódicos de circulação nacional.

Os pontos fortes e os pontos fracos das Memórias

José Dirceu de Oliveira e Silva teve o mandato de Deputado Federal, conquistado pelo Estado de São Paulo, com cerca de, 513 mil votos – o segundo mais votado do Brasil na eleição de 2002, perdendo apenas para Enéas Carneiro eleito com mais de 1 milhão de votos – no dia 1º de dezembro de 2005. Com 293 deputados votando pela cassação contra 192 contrários a ela, Zé Dirceu encerrava seu último mandato eletivo.

O Volume 1 das Memórias de Zé Dirceu se encerram basicamente nesse momento de sua história. Ainda, faz um breve aceno sobre o que será apresentado no segundo volume, que está sendo revisado. Um exemplo é a questão das

escolhas dos juízes que compõem o Supremo Tribunal Federal. Em suas palavras:

“Existe muita polêmica em torno das indicações de ministros que Lula – e depois Dilma – fez para a Suprema Corte. Lula indicou oito ministros; um faleceu – Carlos Alberto Menezes Direito –, três já se aposentaram por idade – Cezar Peluso, Ayres Britto e Eros Grau – e um aos sessenta anos, Joaquim Barbosa. Continuam no STF Ricardo Lewandowski, Cármen Lúcia e Dias Toffoli.

Parece simples, majestático, o presidente querer indicar os ministros das cortes superiores, mas, na prática, na vida real, não é assim. Há que fazer mediação com o próprio judiciário, seja o STF ou o STJ, pois a pressão é grande e estão em jogo decisões dessas cortes que podem até inviabilizar o governo.” (p. 448)

Além desse aceno, do que será abordado no próximo volume, Dirceu conclui com uma opinião sobre a passagem do PT pelo governo federal. E a promessa de fazer um balanço dos governos Dilma, do golpe de 2016 e da Operação Lava-Jato. Ainda, anexa ao livro o discurso de posse como Ministro Chefe da Casa Civil, do primeiro governo Lula, e o discurso de defesa pronunciado na Câmara dos Deputados em 2005, como já foi informado anteriormente.

Uma parte fraca das memórias são os dois conjuntos de fotos escolhidas por Zé Dirceu para ilustrar sua trajetória. O primeiro bloco de imagens não apresenta

quase nada de novo, pois são fotos já conhecidas de seu passado no movimento estudantil até o exílio. E, o segundo bloco de imagens é um tanto institucional demais, onde Dirceu aparece em momentos formais acompanhado de políticos brasileiros e estrangeiros, onde fica a sensação de mais do mesmo. O único lampejo de criatividade aparece no início de alguns capítulos, onde insere imagens menos conhecidas.

Conclui-se que a leitura do livro é oportuna, pois apresenta um resumo da história recente do Brasil, a partir do olhar de um protagonista da mesma. Com maior intensidade depois dos anos 1960 até o primeiro Governo Lula. Apresenta com maior abundância de informações as diversas tendências que fizeram oposição aos governos da ditadura civil-militar brasileira. Retoma questões fundamentais da origem do Partido dos Trabalhadores, suas disputas internas e tensões entre as tendências.

As palavras do próprio autor ficam como explicação, das razões de existir do livro:

Agora então entrego a vocês estas memórias, com as imperfeições, erros e esquecimentos próprios de quem escreve nas condições em que escrevi, todos eles, erros e esquecimentos, de minha única e exclusiva responsabilidade. Memórias escritas com o coração e a alma, com a determinação de luta e combate, com a certeza de que minha vida e minha luta continuam. (p. 19)

Recebido em 2019-04-14
Publicado em 2019-04-27



* **DANIEL DE SOUZA LEMOS** é Mestre em Ciência Política, Bacharel em Direito e Licenciado em História, todos pela UFPel.